



### VASOS GREGOS EM PORTUGAL

# ÂNFORA PANATENAICA

**adquirida em leilão  
vai ser exposta  
pela primeira vez**

Bons augúrios para o programa de exposições do MNA em 2007 ! O ano começa com a mais importante exposição de cerâmica grega jamais realizada até hoje no nosso País: **VASOS GREGOS EM PORTUGAL – Aquém das Colunas de Hércules**. Vão estar reunidos cerca de seis dezenas de exemplares, metade dos quais pertencentes à colecção de Manuel de Lancastre (a melhor colecção privada portuguesa, até aqui inédita). Estarão também presentes os mais notáveis exemplares das instituições públicas, com destaque para o Museu da Presidência da República e o Museu Calouste Gulbenkian. A colecção do MNA será extensivamente apresentada. Entre os exemplares a exibir, conta-se uma ânfora panatenaica de figuras negras, do final do séc. VI a.C., com a representação da deusa Atena na face A e uma cena de luta na face B. Esta peça foi adquirida em 1998, em leilão, por proposta do director do Museu, mediante sugestão nesse sentido recebida da Profª Maria Helena da Rocha Pereira, pioneira dos estudos de cerâmica grega e comissária científica desta exposição, que constitui também uma homenagem à sua obra. Trata-se de uma peça de valor simbólico especial, porque pertencera à Colecção Palmela, tendo sido adquirida em Itália logo depois da descoberta e das escavações iniciais em Pompeia ou Herculano. Representa, pois, um dos raros exemplos do coleccionismo português esclarecido, que infelizmente foi tão raro entre nós.



**Adquira o catálogo da exposição VASOS GREGOS EM PORTUGAL:**

verdadeira obra de referência para estudiosos e álbum amplamente ilustrado

**Cerâmica Grega**  
Curso de Iniciação  
pela Profª Maria Helena da Rocha Pereira  
26 e 27 de Janeiro de 2007

Informações / Inscrições  
Adília Antunes  
tel. 213620000; fax. 213620016  
e-mail: gamna@mnaarqueologia-ipmuseus.pt

Última hora

# 102 028

Foi o número de visitantes ao MNA em 2006. Pela primeira vez na sua história recente o MNA ultrapassou a fasquia das 100 mil visitantes, aumentando em cerca de 60 % relativamente ao ano de 2005. O MNA confirma-se assim como o terceiro Museu Nacional português mais visitado, depois do MN das Coches e do MN de Arte Antiga.

# Para quando as obras de ampliação do MNA?

Como é do conhecimento dos nossos associados e de todos aqueles que seguem com interesse os temas da Cultura e dos Museus em Portugal, o GAMNA lançou em Junho do ano passado um Manifesto intitulado "Para quando as Obras de Ampliação do Museu Nacional de Arqueologia?", destinado a expressar junto do Governo a importância que atribuímos a este assunto, que julgamos crucial não apenas para o MNA, como para o conjunto monumental dos Jerónimos.

Entre Junho e Setembro, não obstante a época de férias, o nosso Manifesto reuniu várias centenas de subscrições, entre as quais as de numerosas individualidades dos meios académicos e culturais, com relevo para os responsáveis máximos de associações culturais e de forças vivas, com grande peso na sociedade portuguesa. O Manifesto e respectiva lista de subscritores podem ser consultados na página do GAMNA, dentro do sítio Internet do MNA.

Tal como previsto, foi depois pedida uma audiência à senhora Ministra da Cultura, destinada a fazer entrega e explicar mais detalhadamente o conteúdo do Manifesto. Esta audiência viria a ter lugar em 29 de Setembro. A nossa delegação foi constituída por Jeanette U. S. Nolen, presidente do GAMNA e directora do Museu de Arqueologia do Castelo de Vila Viçosa, Luís Manuel de Araújo, vice-presidente do GAMNA e professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Raquel Henriques da Silva, membro do GAMNA e professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e João Castel-Branco Pereira, membro do GAMNA, director do Museu Caloust Gulbenkian e Presidente da Comissão Nacional do ICOM. Pelo lado do Ministério e em representação da senhora Ministra estiveram presentes o Dr. Carlos Rodrigues, chefe de Gabinete, a Dra. Ana Madureira, adjunta e a Dra. Joana Rosada, assessora. Assistiu ainda ao encontro o Dr. Manuel Bairrão Oleiro, director do Instituto Português de Museus.

Diário de Notícias  
15 PUBLICIDADE 4.ª FÉRIA | 18 OUTUBRO 2006

## Manifesto Para quando as obras de ampliação do Museu Nacional de Arqueologia?

Passa agora meio século desde que se iniciaram as diligências para que o actual Museu Nacional de Arqueologia (MNA) se veja dotado de melhores e mais amplas instalações.

Criado em 1893, por decreto de Bernardino Machado, e instalado desde 1900 no complexo monumental do Mosteiro dos Jerónimos, o MNA possui o único repositório de todos os povos e culturas do território português, desde as origens à actualidade nacionalidade. As suas colecções constituem, em vários domínios, um dos mais importantes acervos arqueológicos nacionais incluído na lista dos "Tesouros Nacionais" de largas centenas de peças do MNA confirma plenamente esta realidade.

Todavia, mesmo a maior parte das peças mais importantes encontra-se permanentemente em reserva, devido ao espaço expositivo. Não obstante a notável actividade que tem desenvolvido, a existência dos serviços que permitem a realização de exposições temporárias que promove, o MNA não possui sequer uma galeria permanente que dê a conhecer as colecções de referência a nacionais e estrangeiros.

Successivos Governos, nas pessoas dos ministros da Cultura e dos primeiros-ministros, têm vindo a assumir a responsabilidade prometida somente a realização de obras de remodelação e ampliação do Museu, no entanto, não se tem conseguido priorizar e incluir em programas eleitorais e de governação. Chegou a ser criado o Gabinete de Trabalho Operacional da Cultura que está agora a chegar ao fim. Mas os anos correm sem que se veja concretizar nada.

O projecto de revitalização da zona de Belém, recentemente divulgado, apesar de ter sido aprovado pelo Conselho de Estado, não tem sido suficientemente o palio comum com o Museu de Marinha, nada dizendo sobre a possibilidade de se fazer uma intervenção conjunta no Mosteiro dos Jerónimos, que no entanto foi objecto de sucessivos projectos arquitectónicos muito qualificados, encomendados a importantes arquitectos nacionais, visando não só alargar significativamente as áreas expositivas do Museu como qualificar zonas de reserva para o futuro do MNA.

Por tudo isto, os signatários sentem-se no dever e no direito de perguntar aos governantes e se anunciam outros cuja pertinência é discutida com os especialistas e sujeitas a escrutínio público, tendo em vista a importância global de oferta museológica portuguesa.

Declarando-se nesta circunstância amigos da Casa que um dia será o Museu Nacional de Arqueologia, os signatários mantêm-se atentos ao futuro político do MNA e manifestam-se contra o arranjar de soluções paliativas que não tenham em conta os interesses e poderes governativos a que passem das palavras ao acto e apresentem um programa de intervenção credível.

Anúncio de página inferior: DN de 18.10.2006

Grupo de Amigos do Museu Nacional de Arqueologia  
Novas adesões: gamna@suppo.pt

## PROJECTO

Expresso, 8. 12. 2006

# Museu de Arqueologia parado

**A ampliação das instalações foi reprovada. A proposta alternativa é procurar um novo espaço num palácio devoluto**

O Conselho Consultivo do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) reprovou o projecto de ampliação do Museu Nacional de Arqueologia. Um processo que estava à espera de aprovação há mais de cinco anos.

A funcionar numa das alas do Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, a maior necessidade do Museu prende-se com a falta de espaço para apresentar a sua colecção permanente. Mas os técnicos do IPPAR consideraram que a sua ampliação poria em risco a sustentabilidade do edifício e que oferecia enormes problemas em termos da consolidação das paredes.

Na mesma reunião, os arquitectos presentes — Tomás Taveira, Vasco Massapina, Alcino Soutinho — e o arqueólogo conselheiro

Cláudio Torres, dirigentes da Direcção-Geral do Património do Estado e da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, foram ainda mais longe e concordaram, por unanimidade, que é preciso retirar aquele museu do Mosteiro dos Jerónimos.

"A solução não pode passar nunca por remendos e mais remendos. O local onde o Museu de Arqueologia se encontra é um símbolo da Expansão Portuguesa que pode ser ainda mais potenciado nessa sua temática específica", explicou Cláudio Torres ao Expresso.

O arqueólogo considera que é mais conveniente dinamizar aquela zona e apostar nomeadamente num maior aproveitamento do Museu da Marinha do que continuar a "sobreviver" com as actuais condições expositivas do espaço: um imenso corredor, onde só há praticamente possibilidade de preparar mostras temporárias.

"A nossa luta é desde já por um

novo espaço digno para o Museu de Arqueologia", continua Cláudio Torres. A ideia é tentar encontrar um espaço livre, um palácio devoluto, por exemplo, que possa vir a ser adaptado faseadamente às necessidades do Museu, numa outra zona da cidade. "Vamos iniciar imediatamente essa discussão, quer haja dinheiro ou não", garante o arqueólogo.

O passo mais imediato é arranjar uma equipa que possa pensar e preparar um projecto na íntegra, que depois seja apresentado ao Instituto Português de Museus (IPM).

O reduzido orçamento do Ministério da Cultura para o próximo ano não preocupa os arqueólogos, que preferem esperar por uma solução sólida e dignificante, mas definitiva.

Contactado pelo Expresso, o director do IPM, Manuel Bairrão Oleiro, mostrou-se indisponível para comentar as ambições dos arqueólogos.

A.C.

O dossier entregue continha o Manifesto e a respectiva lista de subscritores, assim como diversa documentação que permitia fazer uma síntese histórica de todo o processo, com especial relevo para as afirmações públicas de Primeiros-Ministros e Ministros da Cultura de anteriores Governos, declarando a prioridade conferida a estas obras incluindo, em certos casos, a promessa da sua execução para datas que entretanto foram ultrapassadas.

Os representantes governativos presentes reafirmaram a importância e prioridade conferida à ampliação do MNA nos Jerónimos, dando indicações de que deveria haver novidades sobre o assunto talvez ainda em 2007 e que esta obra seria contemplado no próximo Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN), na qualidade de "projecto âncora" para o desenvolvimento turístico e patrimonial na zona de Belém. Estas afirmações viriam depois a ser confirmadas em declarações prestadas aos órgãos de comunicação social (v., por exemplo, o Público de 17 Outubro).

Não obstante o tom positivo e tranquilizador desta audiência, entendemos que o Manifesto deveria ser divulgado na Imprensa.

# Que futuro para o Museu Nacional de Arqueologia?

A OPINIÃO DE  
LUÍS RAPOSO

**Aquilo que verdadeiramente está em causa não são problemas técnicos, mas sim uma questão doutrinária bem mais importante: qual o melhor uso a dar ao sector neomanuelino dos Jerónimos?**

Dizem os jornais que o conselho consultivo (CC) do Ippar chumbou a última versão do projecto de obras de ampliação do Museu Nacional de Arqueologia (MNA), nos Jerónimos. Para chegar a tal conclusão foram necessárias várias centenas de assinaturas a pedir publicamente uma tomada de posição, depois de quase um ano de espera nesta fase e de cinco anos de sucessivas aprovações de princípio, acompanhadas por elogios ao contributo que as obras perspectivadas poderiam dar à valorização do conjunto monumental e de reservas apenas quanto a opções de implantação e volumetrias.

Os fundamentos desta posição, desdizendo as anteriores, parecem radicar em argumentos técnicos que pretensamente inviabilizariam a obra (estabilidade do edifício, níveis freáticos, etc.). Importa verificar qual o fundamento de tal opinião, porque existem no processo pareceres e relatórios técnicos em sentido contrário, um dos quais subscrito pelo LNEC. Acrescentam-se também considerações de ordem museológica quanto à adequação do espaço dos Jerónimos a museu de arqueologia, as quais não somente transcendem o quadro de competências daquele órgão, como invadem a esfera da decisão política (e todos os sucessivos governos, sem excepção, têm na última década considerado prioritário o projecto de ampliação do MNA nos Jerónimos), que assim se vê cerceada através de prévia "marcação de terreno" ilegítima e supostamente técnica.

Ora aquilo que verdadeiramente está em causa não são problemas técnicos, mas sim uma questão doutrinária bem mais importante: qual o melhor uso a dar ao sector neomanuelino dos Jerónimos?

Existem sobre o assunto duas concepções de cidadania e de país, vincadamente diversas, senão opostas. Uma é a que desde finais do século XIX foi conduzida até aos anos 1930, tendo especialmente eco durante a vigência da I República: os espaços novos em construção nos Jerónimos deveriam ser consagrados a um museu que contasse a história do nosso território, em toda a profundidade temporal. Era o Museu do Homem Português de Leite de Vasconcelos, promovido entre outros por Bernardino Machado. Pensava-se que para compreender o país que somos era necessário possuir um espaço onde se mostrasse como os sucessivos passados se encadeiam uns nos outros, de tal sorte que poderia assim remontar-se às origens. Mesmo hoje, ainda que parcialmente, é esse o desiderato do actual MNA, incapaz, todavia, de o cumprir por manifesta falta de espaço para instalar a sua tão desejada galeria permanente principal (Portugal, das origens à fundação da nacionalidade).

A outra opção é a que foi protagonizada pelo Estado Novo, concebida desde a Exposição do Mundo Português e executada *manu militari* no início dos anos 1960 (na rêsca da captura da Presidência da República por parte do almirante Américo Thomaz), quando se concretizou a desanexação de um sector do espaço ocupado pelo MNA para aí instalar a entrada nobre do Museu de Marinha, acabado de transferir para Belém. Pouco a pouco, insidiosamente, foi ganhando forma em certos meios a ideia de uma transferência total do MNA para outro local, cabendo finalmente ao Conselho da Revolução determinar em 1979 que todo o espaço dos Jerónimos não afecto ao culto (incluindo, portanto, o claustro e zonas adjacentes) deveria ser entregue à Marinha.

É esta segunda opção que defende o actual CC do Ippar. Se o não fosse,

nada lhe impediria, como aliás ainda hoje fazem numerosos académicos, defender a tese contrária, a saber: a da ampliação do MNA a todo espaço em apreço, encontrando alternativas para o Museu da Marinha e retomando plenamente o programa cívico e museológico do final da monarquia e da I República.

Dito isto, importa esclarecer que não considero o MNA obrigatoriamente vinculado ao local onde está instalado desde 1900, nem entendo ser este "o" espaço ideal para o museu. O que acima de tudo pretendo é esclarecer o significado profundo da inefável leveza com que se tomam certas posições; e já agora, porque tudo nos é apresentado cheio de boas intenções, como se os arqueólogos estivessem ganhos para novas causas, desejo também não ser assimilado à figura do "ingénio útil".

Nenhum edifício antigo é o ideal para instalar um museu moderno; o complexo dos Jerónimos coloca problemas especialmente desafiantes, porém resolúveis. Seria melhor possuir outro espaço? Talvez, tudo dependendo de onde e quando. Dou dois exemplos, ambos apresentados em debates recentes sobre uma política museológica para Lisboa e para o país: a construção de um edifício novo para o MNA no espaço livre ainda existente junto do CCB; ou a instalação numa Praça do Comércio livre de ministérios de uma espécie de "ilha dos museus", transferindo para o local os acervos dos dois principais museus históricos nacionais, arte antiga e arqueologia, que deveriam ocupar cada um uma ala daquela emblemática praça.

Haverá, porém, força anímica e meios financeiros suficientes para sequer perspectivar soluções deste tipo? Duvido grandemente. E, sendo assim, o que subsiste é a dramática realidade com que me confrontei, quando há uma década tomei posse da direcção do MNA: vimos colectivamente passar sucessivas gerações de portugueses e estrangeiros, e de estudantes em especial, impedidas da aprendizagem cívica que uma galeria permanente do MNA lhes poderia proporcionar. E pergunto-me quantas mais gerações os defensores das teses dos "amanhãs que cantam" (novos espaços ideais) estarão dispostos a ver passar diante deles no futuro.

Quero crer que, com bom senso, a recente posição do CC do Ippar será ultrapassável, seja no plano da reflexão estratégica (que, aliás, tem o efeito positivo de relançar), seja no plano das soluções de curto e médio prazo, que existem e podem ser adoptadas. A mim, na qualidade de sétimo director da casa mais do que centenária fundada por Leite de Vasconcelos (de quem em 2008 se comemorará o 150º aniversário do nascimento), compete-me dar testemunho e estar disponível para todos os compromissos, no duplo pressuposto da boa fé dos intervenientes e dos ganhos reais que, através de concretização do projecto de ampliação do MNA, podem advir para todas as instituições envolvidas e para o conjunto monumental dos Jerónimos. É o que farei, com a determinação que me está na índole e o lugar que ocupo me obriga, mas também com o respeito que me merecem as muitas dezenas de milhares de visitantes que anualmente se dirigem ao MNA, com especial relevo neste contexto para as centenas de amigos do museu que recentemente subscreveram um manifesto em defesa da sua ampliação nos Jerónimos, nos quais tive o grato prazer de ver incluídos vários dos anteriores membros do CC do Ippar. ■

DIRECTOR DO MUSEU NACIONAL  
DE ARQUEOLOGIA

Assim, mandámos publicar anúncios de página inteira, no dia 18 de Outubro, em dois jornais nacionais: *Diário de Notícias* e *Pública*.

Desconhecemos quais os reais desenvolvimentos que tiveram as nossas iniciativas, dentro do Ministério da Cultura. Fomos no entanto surpreendidos já em Dezembro por uma notícia incluída no jornal *Expresso* (reproduzida neste Boletim), segundo a qual o projecto de obras de ampliação do MNA nos Jerónimos teria tido parecer negativo do Conselho Consultivo do IPPAR. Parece-nos óbvio que esta tomada de posição decorreu da nossa insistência em que fossem esclarecidas as circunstâncias algo estranhas que tinham vindo a provocar o sucessivo adiamento das obras.

Sem sabermos quais os pormenores técnicos que podem fundamentar este parecer, não deixamos de expressar a nossa estranheza pelo facto de só depois de tantos anos de aprovações de princípio ter o Conselho Consultivo do IPPAR entendido considerar que a ampliação do MNA não é possível. E não é mesmo possível por motivos técnicos ou por motivos políticos, como parece ser o caso dada a cobiça que as instalações dos Jerónimos suscitam?

Pela importância de que se reveste, reproduzimos neste Boletim um artigo de opinião publicado no jornal *Pública*, em 23 de Dezembro, pelo Director do Museu. Saudamos a determinação do Dr. Luís Raposo na defesa que faz do nosso Museu e ficamos com a impressão que tudo isto não passa de um triste episódio de disputa de territórios e influências. E sendo assim, reforçamos o apelo ao Poder Político democrático, para que tome as decisões que se impõem.

O GAMNA continuará a acompanhar atentamente este assunto, que constitui o principal desafio estratégico que se coloca ao nosso Museu. Sem uma galeria de exposição permanente e a abertura ao público de mais áreas expositivas, o MNA não poderá cumprir cabalmente a sua missão.

Fazemos pois votos para que em 2007 possa ficar tudo esclarecido e que cheguemos a 2008, ano em que se comemora o 150º aniversário do nascimento do Doutor José Leite de Vasconcelos, com um projecto de obras aprovado e devidamente calendarizado.

Exposição a inaugurar brevemente

# PEDRA FORMOSA

Arqueologia Experimental em Famalicão

Março de 2007 (galeria poente)

Apresentação em tamanho natural de um balneário castrejo, construído em granito por mestres canteiros actuais, sob orientação do Prof. Armando Coelho Ferreira da Silva, comissário científico da exposição

Exposição conjunta do MNA e da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão

Em agenda (alguns destaques)

**26 de Janeiro de 2007, 18 h**

Lançamento da obra de Rui Morais  
**AUTARCIA E COMÉRCIO EM BRACARA AUGUSTA** (ed. Universidade do Minho)  
Entrada Livre

**26 de Fevereiro e 5 de Março, das 17 às 20 h**

Curso de Iniciação  
**MEDICINA E HISTÓRIA DA MULHER NA ANTIGUIDADE**

por Maria do Sameiro Barroso  
Inscrição/Lugares limitados

**3 de Março (manhã)**

Visita de estudo  
**MUSEU DA CIDADE E MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO (Lisboa)**  
guiada pelos técnicos dos museus visitados  
Inscrição/Lugares limitados.

**13 a 16 de Março, das 18 h às 20 h**  
**JORNADAS DO GAMNA**

Ciclo de conferências *por e para* sócios do GAMNA  
(programa detalhado a divulgar oportunamente)  
Entrada livre

**23 a 24 de Março (manhãs e tardes)**

**NA ROTA DA SEDA: da China ao Mediterrâneo**  
Curso de iniciação, por Álvaro Figueiredo  
Inscrição/Lugares limitados.

## A 'Casa' do Museu NACIONAL DE ARQUEOLOGIA 7 a 10 de Fevereiro de 2007

**Conferências | 18,30 h | Entrada Livre**

**Dia 7**

Raquel Henriques da Silva | **O Neogótico e os revivalismos da sociedade burguesa do séx. XIX**

**Dia 8**

Helena Delgado | **A Arquitectura do ferro e o Neogótico: alguns exemplos**

**Dia 9**

Marieta Da Mesquita | **Revisitação do Mosteiro dos Jerónimos**

**Dia 10 | Fotopaper**

Regulamento do Concurso em:  
[www.mnarqueologia-ipmuseus.pt](http://www.mnarqueologia-ipmuseus.pt) / GAMNA



**Informações | Inscrições**  
Adília Antunes | tel. 213620000 | email: [gamna@mnarqueologia-ipmuseus.pt](mailto:gamna@mnarqueologia-ipmuseus.pt)

## Viagem a Chipre e Rodas

29 Março a 9 de Abril de 2007 (datas provisórias)

Está em fase de finalização o programa da viagem anual do GAMNA durante a Páscoa. A embaixada de Chipre em Lisboa tem-nos prestado grande apoio e tudo indica que será uma viagem muito especial...

Momento de humor...

